

Corpo de dança: quem pode dançar?

Heibe Campanella Francisco Monteiro

A experiência relatada aconteceu com as turmas do 8º ano A e B do Colégio Guaiaúna – Unidade Carrão, localizado na Chácara Califórnia, região leste da capital paulista. Iniciávamos o segundo bimestre de 2020. Os recursos tecnológicos já estavam presentes no cotidiano dos alunos e professores, o que favoreceu a adaptação e facilitou a dinâmica dos encontros e discussões no período de isolamento social devido à pandemia da Covid-19.

Nesse processo, tive um olhar para a minha prática pedagógica, buscando entender como realizar trajetórias na Educação Física que possibilitassem um caminho aos alunos para a criticidade e sua autonomia na sociedade.

Para definir o tema a ser abordado, foi considerado o Projeto Político Pedagógico da instituição, além das competências da disciplina e as práticas corporais já estudadas pelos alunos. Nesse contexto, também foi observado que durante a nossa trajetória escolar, as práticas corporais dança e luta foram tematizadas poucas vezes.

Ao buscar informações sobre a comunidade escolar e alunos, a fim de auxiliar no enraizamento cultural, soube de uma professora da escola, Emanuelle Duarte, que havia participado da Escola Municipal de Bailado durante seis anos.

O uso das redes sociais também foi analisado pois, alguns alunos estavam criando o TikTok, e fazendo desafios de dança. Para a tematização das lutas, tínhamos alguns alunos que eram próximos a essas práticas em outros momentos e com diferentes finalidades.

E assim iniciamos os nossos encontros por meio de videoaulas. Durante as nossas conversas, perguntei o que eles achavam sobre darmos sempre a preferência para uma prática corporal, essencialmente o esporte.

Os alunos responderam que tinham práticas que eram chatas e outras mais legais. Fomos conversando sobre algumas outras práticas, mas as discussões começaram quando lhes perguntei sobre a dança e o que entendiam dessa prática corporal. Alguns alunos apresentaram resistência, relataram que tinham vergonha porque não dançavam bem e que não tinham coordenação motora.

A partir desse posicionamento, começamos a conversar sobre o porquê dessa vergonha. Perguntei o que vem à cabeça quando pensam em dançar. Os relatos dos alunos relacionavam a dança, quase que unicamente, ao balé. Enxergavam os movimentos como “elásticos” e praticamente impossíveis de serem feitos, principalmente por eles. Citaram o uso das roupas apertadas e músicas que não eram atrativas. Essas falas foram importantes para a escolha e tematização dessa prática corporal.

Apesar de muitos alunos da turma participarem dos eventos escolares, dançarem em festas juninas, alguns se opuseram a estudar a dança e não conseguiram reconhecer as manifestações já experienciadas como danças.

A dança ocupa um lugar muito específico nas escolas. A prática corporal está presente nos eventos do calendário escolar como Dia da Família, Dia do Livro. Podemos ver a dança também nas aulas extracurriculares, geralmente oferecidas como balé, e que na sua maioria recebem matrículas apenas de meninas.

Em meio a esse contexto, surgiram questionamentos como: o que é a dança? Quais são as maneiras de dançar? Quem pode dançar?

Fui pesquisar sobre a prática e escolhi me basear na dança contemporânea, que surgiu na década de 1950, como forma de protesto e rompimento com a cultura clássica. Ela propõe ao praticante a autonomia, pois não se define em técnicas e movimentos específicos.

Atenta à fala dos alunos, apresentei um vídeo com um trecho de um espetáculo chamado Umwelt, da coreógrafa Maguy Marin, conhecida como a criadora da dança contemporânea. Pedi que deixassem um comentário após assistir ao vídeo. A atividade foi disponibilizada aos alunos pelo Google Classroom.

Nos encontramos na videoaula e perguntei o que acharam da dança. Muitos ficaram curiosos, pois não sabiam que aquela proposta era considerada uma dança. Alguns ficaram esperando algum tipo de movimento que é característico de danças que conhecem, outros acharam chato, pois não conseguiam entender o que era.

Conversamos sobre a dança contemporânea e como ela propõe aos praticantes o livre expressar. Ainda na tentativa de aproximar mais a dança dos gestos que os alunos poderiam se identificar, apresentei outro vídeo, agora de hip hop, do dançarino Henrique Bianchini, que também traz uma proposta de dança urbana com gestos improvisados, feitos de acordo com a música.

Após essas situações didáticas, um aluno percebeu que sua tia praticava essa dança. Aproveitando a informação, busquei entrar em contato com ela.

Iniciando as nossas vivências, foi proposto um estudo de observação sobre os movimentos. Eu me baseei em alguns dos conceitos da dança contemporânea, pedi para que escolhessem e registrassem três movimentos cotidianos como levantar da cama, escovar os dentes e secar o rosto.

Em nosso encontro, após escolherem e registrarem os movimentos, conversamos sobre a próxima vivência. Solicitei que transformassem esses movimentos em gestos junto com uma música, de livre escolha, gravassem e enviassem. Durante a semana, recebi mensagens de alunos que não queriam fazê-lo, dizendo que não se sentiam confortáveis dançando.

Chegou o dia do nosso encontro sobre a dança. Participaram dessa interação os alunos das turmas do 8º A e B, a dançarina e professora Thays Peric, a professora Emanuelle Duarte, que também foi convidada para narrar sua experiência em outro encontro, e o coordenador escolar do Ensino Fundamental 2 e Médio, José Carlos Sousa.

Durante o encontro, realizado pelo Google Meet, Thays foi entrevistada e contribuiu com dados sobre a história da dança, balé e danças brasileiras. Atualmente, morando em Portugal, contou sobre sua trajetória, sua relação com o corpo, com a dança e a sua experiência profissional em outro país.

Após as apresentações dos temas pré-definidos por nós, de acordo com as problematizações dos alunos, organizamos um tempo de debate para tirarem dúvidas, fazerem comentários ou participarem da maneira que preferissem.

Perguntaram à convidada sobre a sua formação e, durante a resposta, comentamos sobre o acesso para poucos, devido às escolas serem de alto custo e pouco acessíveis para pessoas que moravam longe do Centro – nosso colégio fica próximo à estação Penha do metrô.

Junto com essas ideias, falamos sobre como a internet facilita o acesso à dança, através de aplicativos e redes sociais, mas a coloca em um lugar com visibilidade apenas voltada para o estético, como se houvesse um padrão de corpo para se poder dançar.

Descobrimos que o balé foi criado por um rei que desejava entretenimento, o que nos fez discutir sobre questões de gênero nas práticas corporais. Durante o papo, alguns alunos relataram sobre a falta de apoio dos pais para os meninos em relação

à dança, em comparação a outras práticas corporais e, em contrapartida, para as meninas, essa relação era basicamente imposta.

Conversamos sobre essas imposições que foram construídas ao longo do tempo, de práticas e profissões pré-definidas apenas para um gênero. Nesse momento, a participação do coordenador escolar da instituição, José Carlos Sousa, foi extremamente importante, pois ele compartilhou a sua experiência de vida ao contar sobre sua carreira em uma profissão vista como essencialmente feminina.

Aproveitando todas essas falas, discutimos como esses preconceitos estão presentes e vão sendo construídos de acordo com o meio em que estamos inseridos. Outro tópico abordado, foi a dança como forma de expressão, vista como arte, com o objetivo de transmitir mensagens através dos gestos da maneira como é possível, favorecendo o autoconhecimento, principalmente corporal.

Levantamos a questão: por que as mídias televisivas privilegiam somente algumas práticas corporais? Discutimos sobre a vergonha do corpo e a produção de um corpo perfeito e idealizado para dança. Falamos sobre a dança com pessoas com deficiências físicas, visuais, auditivas e descobrimos uma companhia de dança composta somente por pessoas com alguma deficiência física.

A convidada Thays conta sobre sua experiência na dança com pessoas surdas e descobrimos sobre as baladas para surdos, onde os locais são adaptados para vibrar com as caixas acústicas, e eles dançam! Falamos também sobre o contexto social transformador que influencia a dança, ao possibilitar manifestações culturais representadas por povos diversos e em tempos distintos.

Durante a conversa, Thays Peric falou sobre o maracatu, samba de coco, e perguntei aos alunos se eles se lembravam da dança realizada na festa junina. Porém, como falado anteriormente, muitos alunos compreendiam a prática quase que exclusivamente como balé.

O encontro durou muito tempo além do programado e tivemos que concluir nossas falas, reforçando a valorização do próprio corpo, do seu dançar, do seu expressar único e a sua própria valorização.

Durante a semana, fui recebendo os vídeos da vivência sobre os gestos cotidianos junto com a música. Os alunos foram aos poucos entendendo a proposta, apresentavam muita insegurança em fazer "errado e feio", mas ao longo dos dias, foram enviando os vídeos.

Muitos vídeos editados, com efeitos e adaptações, preocupação com cenário, figurino, com participações dos familiares. Eles estavam empolgados. Adoraram usar aplicativos e gravar vídeos com as músicas que gostavam.

Durante a videoaula, perguntei se poderia apresentar o vídeo que eles fizeram para toda a turma. As falas ainda demonstraram muita vergonha. Nessa discussão, percebi que os alunos buscam um modelo a ser seguido, principalmente, na parte estética. Eles inferiorizam seus gestos, adjetivando os seus corpos como inadequados, sem coordenação e/ou feios.

Pensando nisso, sugeri para a próxima vivência que cada um expressasse três sentimentos. Essa proposta teve como objetivo desconstruir a referência dos gestos serem iguais entre eles, além de reforçar os sentidos e significados que expressamos de forma individual. Na atividade, apenas um sentimento foi colocado de maneira igual para todos. Assim, eles elencariam dois sentimentos e fariam um escolhido por mim.

Agendamos o nosso próximo encontro, agora com a professora da escola, Emanuelle Duarte. Ela compartilhou a sua experiência com o balé, quando estudou na escola Municipal de Bailado, do Teatro Municipal, e quais foram os significados internalizados a partir desse caminho e a aproximação com a dança. Ela relatou o apoio que teve de sua mãe, sobre o acesso à escola de balé, os métodos de ensino utilizados pelos professores, como eram feitos os exames de admissão e como foi passar por toda essa experiência aos 9 anos.

A professora relata que após a aprovação, durante a sua trajetória passou por muitos desafios, pois ainda tinha a imagem do balé de maneira idealizada, "da bailarina linda, com titi, brilhando no palco e todo mundo aplaudindo".

O primeiro desafio foi a dificuldade de acesso ao centro da cidade, pois as aulas começavam muito cedo e o trajeto durava em média 2 horas entre a casa dela e a escola. Além disso, existiam muitas exigências. O figurino e o cabelo precisavam estar sempre impecáveis e de acordo com o padrão estabelecido para todas as aulas e espetáculos. Outro padrão revelado por ela foi o procedimento da verificação do peso em que as alunas eram analisadas e, se necessário, instruídas a emagrecer.

Segundo a professora, algumas bailarinas, amigas próximas, desenvolveram doenças e transtornos alimentares. Com isso, o aumento da competitividade entre o grupo era uma cultura que se apoiava. Outro desafio foi o de lutar contra os preconceitos encontrados no contexto que dizia que aquela prática não era para ela.

Além disso, tinha de lidar com as dores devido à intensidade dos treinos, variando de 6 a 8 horas por dia.

Começamos a conversar e um dos pontos levantados pelos alunos foi o de ter motivação para superar todos esses desafios. Os alunos não sabiam sobre essas consequências e promovemos discussões sobre a acessibilidade financeira somada à pressão que existe sobre emagrecer e pensar em fazer regime, situações apontadas pelos alunos como atitudes que podem causar traumas nas crianças, além das dores e da maneira como as aulas aconteciam.

A professora Emanuelle revelou também suas alegrias e heranças corporais que a rotina tomada pela dança lhe trouxe. Ela conta que a experiência de ser selecionada junto a mais duas bailarinas para dançar no palco do Teatro Municipal foi uma das suas maiores conquistas. Ela diz que sentia muito orgulho de estar lá, enquadrou a cartilha de apresentação, onde estão os nomes do elenco e inclusive o dela.

A apresentação, em comemoração aos 60 anos do Teatro Municipal, foi compartilhada com a família, em 2001. Foi uma das primeiras vezes em que o Teatro disponibilizou um evento gratuito.

Ela conta que gostava de ver os meninos e suas performances, além das pessoas do grupo tendo oportunidades em outros lugares, o que durante muito tempo a nutria e lhe dava forças. Ela diz: "o balé é uma dança que te ensina a ser forte, por dor, por não poder desistir de entrar no espetáculo, esteja machucada ou com medo. Você aprende a se expor e a enfrentar esses monstros. Foi o que me ensinou a ter coragem e acreditar em mim, pois me achava a menor das bailarinas, pois era pobre, não era indicada por ninguém, tinha o corpo que não era considerado o mais incrível para dançar e, mesmo assim, eu consegui. A força que o balé me ensinou veio daí (...) descobri o poder da arte e isso me deu esperanças, principalmente quando perdi meu pai. Então, posso dizer que o balé me salvou", completa.

Ao abriremos para as contribuições dos alunos, eles perguntaram por que ela não continuou a carreira. A professora Emanuelle relata que decidiu estudar outras coisas e, com o nível de exigência aumentando, trancou e abandonou os estudos no balé.

Quando se abandona a escola, não se pode mais voltar, mas ela conta que ainda tem intenções de praticar a dança por lazer, sem pressão. Emanuelle contribuiu

também sobre suas histórias engraçadas, como a descoberta da movimentação da orquestra e o que acontecia durante as apresentações nas coxias.

Ouvindo essas falas, aproveitei para compartilhar também uma parte da minha experiência com a dança. Contei sobre os preconceitos que sofri ao procurar escolas de dança e ter a matrícula negada devido ao meu corpo ser julgado como inadequado. Alguns lugares sugeriram dietas e treinos com o objetivo de que chegasse ao peso, entendido por eles como ideal, antes de procurar outros lugares.

Também relatei sobre as experiências nas apresentações e como isso tudo me auxiliou na minha formação enquanto pessoa. Alguns alunos que tiveram contato com a dança ou outra manifestação, contaram sobre as sensações de leveza que sentiam após as apresentações.

Buscando a conclusão do encontro, perguntei o que eles estavam achando dos estudos sobre a dança. Eles citaram que esse cenário de aulas online facilitava os encontros para as discussões com as professoras, a construção do tema e as vivências, pois podiam dançar em casa, sem ninguém ver, pois se tivessem que dançar na quadra não o fariam.

Outros disseram que mesmo dançando mal, parecendo uma "lagartixa sem rabo", dançariam mesmo assim. Sugeriram que fôssemos assistir a um espetáculo de dança e citaram um jogo de videogame de dança chamado Just Dance, como proposta de vivência no retorno das férias.

Continuamos falando sobre a importância de cada um poder se expressar da maneira que prefere e aproveitei para parabenizar os alunos que já enviaram os vídeos com suas danças, citando sobre a diversidade dos materiais recebidos. Infelizmente, precisávamos concluir nossas falas, pois estávamos passando do horário novamente.

Esses dois momentos, com Thays e Emanuelle, junto com as falas dos alunos e dos convidados, nos ajudaram a diversificar os conhecimentos que tínhamos sobre a dança. As propostas dos alunos como assistir a um espetáculo e experimentar o jogo de videogame, fizeram com que a tematização da dança se estendesse e, devido ao período de férias, combinamos que iríamos conversar no retorno sobre as propostas e possibilidades.

Encerramos o bimestre e eu continuei a planejar. Fui em busca de outros grupos sociais, que também pudessem auxiliar na tematização e aproximar ainda mais essa prática corporal dos alunos.

Tive uma indicação muito legal! André Rockmaster é um dos principais precursores das danças urbanas no Brasil. Em 1999, ele começou a ministrar workshops de locking, popping e breaking em todo o país, fazendo com que os adeptos conhecessem os estilos clássicos. Entrei em contato com o dançarino que, para minha surpresa, foi super atencioso e topou a participação.

Continuando a pesquisa, encontrei um site de um projeto realizado com o apoio do Programa Municipal de Fomento à Dança para a Cidade de São Paulo - Secretaria Municipal de Cultura. Lá eles disponibilizaram espetáculos online gratuitos. O evento foi de classificação livre e permitia a interação durante a apresentação. Devido às férias, o convite foi enviado aos alunos pela agenda digital, além do aviso que conversaríamos tão logo retornassem as atividades letivas.

Nesse contexto incerto, nas últimas semanas tivemos que fazer uma alteração no calendário escolar, o que causou mudanças nos encontros. Pedi que fizessem um registro das experiências com a dança através de um vídeo, com o tema “a dança é livre” e que incluíssem uma música e gravassem os gestos que escolhessem, seja a dança contemporânea ou qualquer outra dança.

Durante os dias de desenvolvimento, alguns alunos e alunas se recusaram a realizar a atividade, demonstrando ainda muita vergonha em “errar passos ou não fazer direito”. Outros enviaram o vídeo, mas pediram que não fosse mostrado para ninguém.

Aos poucos, e com muita insistência, a vergonha foi dando lugar a manifestações como: “caramba, prô, eu sei dançar!” Após enviarem os vídeos, em nosso último encontro, organizei uma apresentação. Alguns ainda relutaram, mas, no final, todos e todas acordaram que ninguém faltaria com o respeito com a dança de ninguém, então os vídeos foram assistidos.

E o resultado foi o silêncio. E quando perguntei o que tinham achado, responderam que ficaram felizes com a apresentação e que perceberam que foi muito legal a experiência, muitos se sentiram orgulhosos, percebendo que “até que eu danço legal né, prô?” Vários participantes parabenizaram os colegas que venceram a vergonha.

Pude perceber o quanto a tematização dessa prática corporal trouxe uma valorização do sujeito, diversificando e aprofundando as vivências de maneira crítica e reflexiva.

Essa experiência me fez refletir sobre quantas histórias existem e dividem ao mesmo tempo uma comunidade, uma escola, uma turma, um sujeito. E o percurso permitiu que todas essas histórias e esses mundos se encontrassem, dialogassem e ressignificassem os discursos negativos sobre a prática corporal e para além dela.

Produção do 8º ano A - [Vídeo](#)

Produção do 8º ano B - [Vídeo](#)